

Resultados Genéricos de Aprendizagem: uma possibilidade de avaliação da experiência museal

Generic Learning Outcomes: an evaluation of the possibility of museum experience

Suzane Bezerra de França
Universidade Federal Rural de Pernambuco / PPGEC
suzyfranca@yahoo.com.br

Nadja Maria Acioly-Régnier
Université Claude Bernard Lyon 1 / ESPE
acioly.regnier@wanadoo.fr

Helaine Sivini Ferreira
Universidade Federal Rural de Pernambuco / PPGEC
hsivini@terra.com.br

Resumo

Na busca de perspectivas teórico-metodológicas distintas das que se destinam a compreensão da aprendizagem nas instituições formais de ensino, identificamos a Teoria dos Resultados Genéricos de Aprendizagem. Este texto é resultado de uma pesquisa exploratória que procurou descrever os resultados genéricos de aprendizagem, evidenciando as possibilidades de seu uso para avaliação das experiências museais em distintos contextos. Os dados encontrados revelam a versatilidade desse arcabouço teórico já que observamos sua aplicação envolvendo diferentes contextos e instrumentos.

Palavras chave: espaços não formais de aprendizagem, educação em museus, experiência museal, resultados genéricos de aprendizagem.

Abstract

Looking for theoretical and methodological frameworks different from those that are usually used to understand learning in formal educational institutions, we identified the Theory of Generic Learning Outcomes. This text is the result of an exploratory study that aim to describe the generic learning outcomes, demonstrating its use possibilities to evaluate the museum experience in different contexts. Data reveal the versatility of this theoretical framework once it is being used involving different contexts and instruments.

Key words: non formal learning spaces, museum education, museum experience, generic learning outcomes.

Introdução

A aprendizagem em museus de ciências tem sido evidenciada através de várias pesquisas nas quais também se argumenta a identidade pedagógica dessas instituições (BIZERRA e MARANDINO, 2009; HOOPER-GREENHILL 2007; NASCIMENTO e VENTURA, 2005). Diferentes referenciais teórico-metodológicos são partilhados e discutidos entre os pesquisadores da área, vislumbrando entender o fenômeno da aprendizagem nesses ambientes. Esses referenciais derivam principalmente do campo da educação e da sociologia e passam por releituras e adaptações (MARANDINO, 2006). Nesse bojo, Studart et al., (2003), identificam uma diversidade de estudos, desenvolvidos a partir das elaborações discursivas; da lembrança estimulada e de abordagens etnográficas. Nesses estudos são tomados por instrumentos metodológicos: entrevistas, observações, painéis (*focus groups*) e questionário, e de modo geral, buscam indicar aspectos da experiência museal como as percepções dos visitantes e as formas de apropriação do museu.

A experiência museal enquanto objeto de pesquisa, surge então como uma nova tendência da avaliação museal (STUDART et al., 2003), por abranger tanto aspectos cognitivos, quanto afetivos da experiência da visita ao museu. Introduce também o entendimento de que a experiência é resultante não só do acesso ao museu, mas é construída nas relações com repertório de outros conhecimentos e experiências próprias dos visitantes e das interações que se estabelecem, no momento da visita, com os objetos da mediação, com os mediadores e com outros visitantes, de maneira particular. Nesse sentido, Bizerra e Marandino (2009) recomendam a realização de pesquisas mais verticais, que revelem a variedade de experiências que ocorrem nos museus e suas conexões com a vida dos sujeitos.

Compreendemos assim, que esse entendimento da experiência museal, requer aportes teórico-metodológicos, também ancorados nesse entendimento. Assim, localizamos na literatura especializada, uma perspectiva teórico-metodológica, construída na Inglaterra, denominada: Resultados Genéricos de Aprendizagem (RGA), tradução de *Generic Learning Outcomes*, consistem num arcabouço teórico elaborado para avaliação do impacto das instituições culturais como museus, arquivos e bibliotecas sobre seus usuários. Essa estrutura teórica tem como premissa uma dimensão mais ampla de aprendizagem, para além da restrita aquisição conceitual, comumente privilegiada nas instituições formais de ensino (HOOPER-GREENHILL, 2007). Baseando-se nas ideias de Claxton (2005) a aprendizagem que ocorre nas instituições culturais, é concebida como um processo bem mais flexível e aberto do que a aprendizagem nos ambientes formais, oferecendo oportunidades para criatividade e motivação crescente, ou seja, é muito diferente do modo como ocorre, nas escolas e faculdades com a mediação de professores, livros e programas.

No contexto das instituições culturais, a aprendizagem é um processo de envolvimento ativo com a experiência, é aquilo que as pessoas fazem quando querem entender e criar significados para o que as rodeia. Essa visão reflete o pensamento contemporâneo sobre a educação museal, diferente de acumular informações passivamente (RENNIE e JOHNSTON, 2007). A aprendizagem se desenvolve pela participação ativa dos sujeitos envolvidos, converte-se em ganhos duradouros para a vida (CLAXTON, 2005). Nesse sentido, podemos dizer que, o arcabouço teórico, interpretativo RGA é baseado em teorias construtivistas e socioculturais.

Com relação às ações educativas dos museus, autores como Marandino (2010) e Nascimento e Ventura (2005) têm problematizado seus estudos no sentido de delinear uma pedagogia museal, considerando aspectos como: local, tempo, objetos, sujeitos envolvidos e a transposição de saberes que ocorrem nesses espaços. O foco desses pesquisadores está voltado para a apropriação por parte dos usuários, da experiência museal. Entretanto, inferir

como se dá essa apropriação tem se constituído um desafio para os profissionais e pesquisadores desse campo, na busca por referenciais teórico-metodológicos, que se prestem a avaliação de uma aprendizagem, de natureza tão peculiar. Assim, os RGA foram elaborados buscando superar essa dificuldade no campo da educação museal.

Um diferencial do arcabouço teórico RGA é que ele não possui uma autoria pessoal, em virtude do modo coletivo como foi elaborado. Seu desenho se deu a partir de testagens em quinze instituições culturais, e sucessivas discussões e modificações. Assim, a partir do estabelecimento de um conjunto de ferramentas simples, que foram aplicadas pelos funcionários das instituições, foi possível começar a esboçar os processos de aprendizagem que ocorrem nestes espaços. Os dados possibilitaram, então, a proposição do arcabouço interpretativo e também de uma estrutura que permite diferenciar os resultados em cinco grandes categorias: conhecimento e compreensão: ampliação dos conhecimentos formais (reconhecíveis nas áreas de conhecimento); habilidades: ampliação das habilidades (sociais, museais, práticas e intelectuais); valores, atitudes, sentimentos: transformação de valores e atitudes individuais e relacionais; promoção de prazer, inspiração e criatividade; comportamento: progresso da atividade comportamental (HOOPER-GREENHILL, 2007).

O conhecimento e compreensão envolvem a aprendizagem de fatos ou informação, e, o desenvolver de um entendimento mais estruturado em relação a uma diversidade de campos. Uma informação bem conhecida pode ganhar uma nova relevância ou, um novo entendimento, durante uma visita a um museu, arquivo ou biblioteca. Os fatos e as informações não resultam em entendimento, até serem relacionados pelos aprendizes com o que conhecem e entendem. O conhecimento e o entendimento resultam de conexões, podendo incluir a descoberta de novas informações sobre si mesmo e sobre a família (HOOPER-GREENHILL, 2007).

As habilidades consistem em saber fazer, resultam da experiência, podem ser divididas em cognitivas, emocionais e físicas. Habilidades cognitivas ou intelectuais ou as habilidades de manipular informações também podem ser desenvolvidas nos museus, bibliotecas e arquivos. As habilidades sociais são frequentemente desenvolvidas durante as visitas culturais, e incluem a comunicação com os outros, o trabalho em equipe, o desenvolvimento de relações, as habilidades emocionais, tais como dominar raiva ou frustração, também podem ser observadas, embora com menor frequência, mas o estudo de muitos livros, documentos e artefatos pode também resultar em respostas fortemente emocionais. As habilidades físicas de correr, dançar, ou as habilidades manipulativas, também pertencem a esse grupo podem ser identificadas especialmente em oficinas (HOOPER-GREENHILL, 2007).

As atitudes e valores são desenvolvidos pelos aprendizes, como parte integral da aprendizagem em ambientes formais ou não formais. Novas informações contribuem para formação de valores, (CLAXTON, 2005). As Instituições culturais, também podem proporcionar mudanças de atitudes, e podem ser vistas, em relação a valores que as pessoas já possuíam. As visitas a essas instituições podem resultar em atitudes positivas, como no aumento da tolerância a diversidade e a diferença, baseada nas novas informações sobre diferentes formas de se trabalhar, de se aprender, de se pensar. Para Hooper-Greenhill (2007) a empatia é um importante componente dessa dimensão, é habilidade de dividir, de entender, de sentir o sentimento dos outros, e esse sentimento pode ser construído ou ampliando a partir de uma experiência museal, por exemplo.

A diversão como resultado de aprendizagem, leva ao desenvolvimento de atividades positivas nos aprendizes e o desejo de reproduzir a experiência, quando a aprendizagem é agradável. A criatividade, a invenção e inovação, são maneiras de pensar e que resulta da visita a museus,

arquivos e bibliotecas (CLAXTON, 2005). Quando a exploração e a experimentação são ofertadas, a criatividade, a inspiração e o divertimento também podem surgir. Durante as visitas pode ocorrer a inspiração sobre o comportamento de uma pessoa (HOOPER-GREENHILL 2007).

A atividade e o comportamento podem ser observados, lembrados ou buscados, e se referem às ações das pessoas. A atividade e o comportamento, como resultados da aprendizagem, incluem as maneiras pelas quais as pessoas gerenciam a vida, incluindo trabalho, estudos, contextos familiares. Algumas atividades podem ser mais inovadoras e criativas. Por exemplo: um visitante na exposição da galeria de arte, que experimentou o uso do som como parte da experiência, escreveu o seguinte comentário “eu acho que o som faz o visitante usar todos os sentidos, eu me senti mais envolvido do que se simplesmente tivesse olhando”. Ele está se reportando, a forma pelo qual a exposição mudou, em função da experiência com o som. Isso pode ser visto como um resultado de curta duração. A atividade e o comportamento podem indicar resultado de longa duração. Visitantes de um museu australiano em Sidney relataram atividades que resultaram de uma visita a índios australianos, que incluiu comprar livro relacionado com a exposição, comprar artesanato aborígine, trazer outros para ver a exposição. Neste caso podemos inferir que as ações realizadas indiquem que alguma aprendizagem tenha ocorrido. O comportamento pode sugerir a aprendizagem, que contudo, apenas através de entrevistas e discussões poderá se revelar (HOOPER-GREENHILL, 2007).

Alguns resultados de aprendizagem, em relação ao comportamento podem ser muito profundos, a melhoria de algumas habilidades pode mudar formas de viver. Um comentário de uma visitante dizia o seguinte: “eu vim aqui para praticar, eu estou aprendendo como usar os computadores e agora ele é indispensável na minha vida”. Então a prática durante um período de tempo resultou num gerenciamento da vida diária de uma nova forma, podemos ver a questão da progressão, como resultado da ação, e também a mudança como explicitado no exemplo anterior (HOOPER-GREENHILL 2007).

Diante do exposto, podemos perceber que os RGA, também se constituem em um método para estabelecer relações conceituais, fornecendo evidências tanto qualitativas, quanto quantitativas. Entre os instrumentos propostos constam: checklist, questionários, enquetes, entrevistas, grupo focal, etc. No entendimento de Hooper-Greenhill (2007) os RGA propiciam uma linguagem através da qual se pode reconhecer o campo da educação museal e suas sobreposições tanto nos espaços formais de aprendizagem, quanto nos não formais. Essa linguagem que é partilhada começa a constituir um campo discursivo mais tangível e através do qual se partilha maneiras de falar sobre processos intangíveis de aprendizagem, a partir das experiências museais. Neste sentido, o objetivo deste trabalho consiste em descrever os resultados genéricos de aprendizagem, evidenciando as possibilidades de seu uso para avaliação das experiências museais em distintos contextos.

Metodologia

Este trabalho compõe a fase exploratória de uma pesquisa mais ampla, em nível de doutorado, que busca avaliar a experiência museal vivenciada por mediadores, em museu de ciências, vinculados a cursos de formação inicial de professores da educação de ciências da básica. Desse modo, a revisão de literatura sinalizou a necessidade de referenciais teórico-metodológicos específicos para balizar os estudos dos processos de aprendizagem que ocorrem em instituições culturais como museus, frente às peculiaridades contextuais, como: tempo, sujeitos, objetos (RENNIE E JOHNSTON, 2007).

Assumimos assim, o interesse por novas perspectivas, que coadunassem com nossa forma de vislumbrar a aprendizagem, o que resultou no encontro com os RGA. Ressaltamos que esse

arcabouço começou a ser delineado em 2000 através do um projeto Learning Impact Research Project – LIRP do Conselho de Museus, Arquivos e Bibliotecas da Grã-Bretanha (MLA, 2008). Neste trabalho, buscamos mapear a utilização dos RGA, para além do âmbito do projeto que resultou na sua elaboração, através de traduções e adaptações em outros contextos de forma a evidenciar sua validade e versatilidade.

As leituras sobre os RGA foram iniciadas a partir do texto de autoria da pesquisadora inglesa Hooper-Greenhill (2007) e, através da pesquisa bibliográfica em periódicos especializados, não foram localizados trabalhos envolvendo seu uso. Buscando um alargamento da revisão, optamos fazer a localização das obras por meio de site de busca genérica - Google, a partir de palavras-chave: “resultados genéricos de aprendizagem” (português) e “Generic Learning Outcomes” (inglês). Entre os poucos trabalhos localizados com essa estratégia, identificamos o de Almeida (2010) que consiste numa descrição dos RGA, com base principalmente nos dados disponibilizados pelo Conselho de Museus, Arquivos e Bibliotecas da Grã-Bretanha. Nos estudos identificados, é realçada a juventude dos RGA, e a insipiente pesquisa envolvendo seu uso.

Para construção do corpus deste trabalho, a seleção levou em conta, que os textos versassem sobre pesquisa empírica envolvendo os RGA, que estivesse disponível online na íntegra, para possibilitar o mapeamento de aspectos metodológicos dos estudos. Assim, identificamos quatro trabalhos, a saber: no ICOM; Cadernos de Sociomuseologia; Universidad de Antioquia e na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Elencamos aspectos metodológicos das pesquisas: como tipo de estudo, contextos, instrumentos de coleta de dados, sujeitos e as principais conclusões explicitadas pelos pesquisadores.

Resultados

Os RGA foram muito bem recebidos pelos pesquisadores, uma vez que inexistiam, até então, aportes teóricos específicos para o estudo da aprendizagem em instituições culturais, acunhado por uma definição de aprendizagem ampla, de modo a contemplar as experiências oferecidas por essas instituições. Desde então, são feitos estudos que fazem uso dessa teoria para analisar atitudes, comportamentos, valores e opiniões do público. Apresentamos a seguir alguns aspectos de pesquisas que utilizaram os RGA. A primeira foi desenvolvida em Portugal, num conjunto de museus; a segunda pesquisa foi desenvolvida na Colômbia e a construção dos dados ocorreu mediante realização de oficinas; o terceiro estudo foi realizado em um Museu da Escócia e a quarta experiência, vem sendo desenvolvida, através do setor educativo da Pinacoteca do Estado de São Paulo desde 2009 (quadro1).

Melo (2007) desenvolveu sua pesquisa utilizando os RGA para avaliação de qualidade de instituições museais em Portugal. A questão norteadora da pesquisa consistiu em verificar se os RGA seriam úteis aos museus portugueses enquanto ferramenta de autoavaliação, com vista à adoção e desenvolvimento de práticas inspiradas na qualidade e que vão ao encontro as necessidades de aprendizagem das pessoas. Para tanto, realizou traduções e adaptações da estrutura conceitual à realidade portuguesa, aplicando-a a quatro museus de diferentes tutelas. O estudo foi dirigido às equipes dos serviços educativos dos museus, contemplando intervenção que envolveu a abordagem de conceitos e princípios do RGA. A coleta dos dados ocorreu por meio de entrevistas, questionário e grupo focal. Entre as conclusões explicitadas, destacaram que o RGA, não só foi apropriado para os museus portugueses, por refletir ações cotidianas dos museus pesquisados como foi suficientemente flexível e capaz de operar leituras e avaliações, através da elaboração de novas grelhas, categorias e indicadores para captar a especificidade do fazer museológico e dos seus impactos.

Trabalho	Tipo de estudo	Contexto	Sujeitos	Instrumentos	Conclusões
Melo (2007)	Pesquisa de intervenção	Quatro museus portugueses	Equipe do setor educativo dos museus	Checlist Entrevista Questionário	*Apropriado aos museus portugueses; *Flexibilidade para novas categorias; *Especificidade do fazer museológico.
Fuchs (2007)	Estudo de caso. Abordagem quantitativa e qualitativa	Museu de arte.	Usuários adultos	Questionário; Entrevista; Observação da permanência na exposição.	*Conhecimento e compreensão; *Limitação para identificar atitudes e valores.
Cano Vera et al. (2009)	Pesquisa de intervenção/experimental	Oficina temática sobre interações ecológicas em museu universitário	Três turmas do 9º ano da educação básica.	História Escala de Likert	*Impacto positivamente nas atitudes; *Maior frequência nas atitudes de: interesse, espírito crítico; *O ganho conceitual, semelhante às atitudes.
Aidar e Chiovatto (2011)	Estudo de usuários	Museu de arte	Grupos em vulnerabilidade social; responsáveis pelo grupo educador do museu.	Relatório e dois tipos de questionários.	*Validade para delineamento dos instrumentos. *Trabalhos de análise em andamento.

Quadro 1: Aspectos metodológicos do estudos que utilizaram os RGA

Outra utilização dos RGA foi o trabalho de Fuchs (2007). No artigo foi apresentado um estudo de caso, qual o RGA foi tomado para desenhar e avaliar uma exposição no Museu Nacional da Escócia, destinada ao público adulto. A exposição retratava a arte islâmica, com cerca de 200 obras de arte. Os instrumentos foram estruturados considerando os resultados esperados para exposição a partir dos RGA e incluiu um questionário de autopreenchimento, com 200 visitantes, antes e pós-visita; entrevistas com 20 visitantes, e também gravação do tempo de permanência na exposição. No geral, 40% dos entrevistados disseram que sua percepção da arte islâmica tinha mudado, dando feedback sobre alguns dos resultados de aprendizagem como: conhecimento e compreensão. 39% dos entrevistados foram inspirados a saber mais sobre a arte islâmica, pesquisar na internet, na biblioteca, ou visitar museus, comprar livros, viajar ou visitar uma mesquita. Entretanto, com relação a essas atitudes e valores a autora considerou que elas não foram efetivamente comprovadas, o que em seu olhar exigiria um acompanhamento a longo prazo, fato que foi colocado como meta para a continuidade da investigação.

Cano Vera et al. (2009) pesquisaram o impacto sobre atitudes para a aprendizagem de ciências a partir de uma intervenção que envolveu uma oficina em museu. O estudo quantitativo foi desenvolvido no contexto do ensino fundamental, no qual uma turma foi tomada como experimental por vivenciar oficina temática sobre interações ecológicas. No

quadro teórico o escopo central foi a da metacognição, da mudança conceitual e também das atitudes. Os RGA foram considerados tanto para desenho da oficina, como para a construção dos instrumentos de coleta dados que focaram exclusivamente as atitudes, através da escala de Likert. As autoras concluíram que a vivência da oficina impactou positivamente o desenvolvimento de atitudes para aprendizagem de ciências. As mais evidentes foram: interesse, espírito crítico frente ao trabalho em grupo e criatividade. Observou-se ainda que, o ganho conceitual, também apresentou os índices próximos ao desenvolvimento das atitudes.

No contexto do Brasil, identificamos que a Pinacoteca de São Paulo vem fazendo uso de elementos dos RGA, em um Programa de Inclusão Sociocultural (PISC), que visa promover o acesso qualificado aos bens culturais de grupos em situação de vulnerabilidade social. Para Aidar e Chiovatto (2011), as reflexões feitas a partir dos RGA vêm possibilitando elaborar instrumentos dirigidos aos educadores do museu, os participantes e aos responsáveis pelos grupos. Um sistema triplo, que resulta em relatórios de caráter descritivo e analítico redigido pelos educadores do museu, e dois questionários, sendo um deles para os participantes e o outro para os educadores e/ou responsáveis pelos grupos. Um dos maiores desafios para a concepção dos instrumentos avaliativos foi o de contemplar a variedade e a subjetividade das experiências e aprendizados envolvidos nas dinâmicas. As autoras afirmaram que o desafio constante tem sido gerar instrumentos avaliativos capazes de abranger a variedade de experiências em museus. Nenhuma conclusão foi apresentada frente à aplicação dos instrumentos delineados a partir dos RGA.

Considerações finais

Com este trabalho foi possível traçar um panorama das possibilidades de utilização dos RGA, a partir da diversidade dos percursos metodológicos adotados. Observamos que em todos os estudos apresentados, houve uma conjunção de instrumentos de coleta de dados, que se complementam entre si. Identificamos também que a oficina e as exposições, citadas nos trabalhos foram delineadas considerando as categorias dos RGA, ideia que corrobora com a perspectiva de que as situações de aprendizagem devem prever modos de avaliação, coerente com as estratégias de aprendizagem, inclusive no ambiente da didática museal.

Evidenciamos a flexibilidade desse arcabouço, diante das releituras apresentadas, frente à diversidade de contextos, instrumentos e sujeitos identificados nas pesquisas. Ressaltamos também a relevância, da presente pesquisa, na medida em que proporcionou contato com os diferentes desenhos metodológicos, contribuindo assim para a construção de instrumentos de pesquisa balizados pelos RGA. Diante disso e, considerando a necessidade de estudos mais verticais sobre diversidade das experiências museais, com este artigo se finaliza, a fase exploratória de uma pesquisa mais ampla, na qual se pretende avaliar a experiência museal de mediadores em museu de ciência, a partir dos RGA.

Agradecimentos e apoios

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Referências

AIDAR, G.; CHIOVATTO, M. Interligar o museu e seu entorno: a ação educativa extramuros da Pinacoteca do Estado de São Paulo. **Revista de Ciências da Educação**. n. 23. Disponível em: <[http://200.206.4.13/ojs/index.php?journal=educacao&page=article&op=view&path\[\]=93&path\[\]=158](http://200.206.4.13/ojs/index.php?journal=educacao&page=article&op=view&path[]=93&path[]=158)>. Acesso em: 10. Set. 2011.

ALMEIDA, A. M. Avaliar as ações educativas em museus: como, para quê e por quê? In: I Encontro Nacional da REM. **Anais**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2010.

BIZERRA, A. F.; MARANDINO, M. A concepção de aprendizagem nas pesquisas em educação em museus. In: VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Florianópolis. **Anais**. Encontro Nacional de Pesquisadores em Educação em Ciências, 2009.

CANO VERA, P.; OSPINA, M.N.; HOYOS, D.M. **Evaluación del impacto de la intervención que involucra un taller en el Museo Universitario de la Universidad de Antioquia sobre las actitudes hacia el aprendizaje de las ciencias**. Trabajo de investigación monográfica. Universidade de Antioquia: Medellin, 2009. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.udea.edu.co/dspace/handle/10495/1076>>. Acesso em: 10. Fev. 2010.

CLAXTON, G. **O desafio de aprender ao longo da vida**. Trad: Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FUCHS, J. ‘Generic Learning Outcomes’ as a strategic tool for evaluating learning impact. **ICOM- CECA**, Viena, Áustria, 2007. Disponível em: <http://www.slideshare.net/jennifuchs/icom-ceca-conference-2007-research-paper-j-fuchs>>. Acesso em: 15. Set. 2012.

HOOPER-GREENHILL, A. **MUSEUMS AND EDUCATION: purpose, pedagogy performance**. London: Routledge, 2007.

MARANDINO, M. Museus e Educação: discutindo aspectos que configuram a didática museal. In: DALBEN, A; LEAL, L; SANTOS, L (Org). **Coleção Didática e Prática de Ensino: convergências e tensões no campo da formação do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MARANDINO, M. Perspectivas da pesquisa educacional em museus de ciências. In: SANTOS, F. M. T; GRECA, I. M. (Org.). **A pesquisa em ensino de ciências no Brasil e suas metodologias**. Ijuí: Editora UNIJUI, p. 89-122, 2006.

MLA, Museums, Libraries and archives Council. **Generic Learning Outcomes**. 2008. Disponível em: <www.inspiringlearningforall.gov.uk>. Acesso em: 15.Abr. 2011.

MELO, M.M. Museu Inspirador: Exercício de aplicação da ferramenta de auto-avaliação- Inspiringlearning for All em quatro serviços educativos de museus portugueses. (2007). **Cadernos de Sociomuseologia**. v.32. n.32. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseolo>>. Acesso em: 12. Fev.2011.

NASCIMENTO, S. S.; VENTURA, P. C. S. A dimensão comunicativa de uma exposição de objetos técnicos. **Ciência & Educação**, v.11. n. 3, p. 445-456, 2005.

RENNIE L. J.; JOHNSTON, D.J. research on learning from museums. In: FALK, J. H.; DIERKING, L.D.; FOUTZ, S.(org). **Principle, in practice: museums as learning institutions**. Lanham: AltaMira Press, 2007.

STUDART, D.C; ALMEIDA, A.M; VALENTE, M.E. Pesquisa de Público em museus: desenvolvimento de perspectiva. In GOUVÊA, G.; MARANDINO, M.; LEAL, M. **Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência**. Rio de Janeiro: Access, p. 83-106, 2003.